



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,  
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)**

**CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA – SOCIEDADE,  
ESTADO E POLÍTICA NA AMÉRICA LATINA**

**A NOVA DIREITA BRASILEIRA E SUA ATUAÇÃO NOS MEIOS DE  
COMUNICAÇÃO E NA WEB**

**ANA CAROLINA SANTIAGO GONÇALVES**

Foz do Iguaçu

2017



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,  
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)**

**CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA – SOCIEDADE,  
ESTADO E POLÍTICA NA AMÉRICA LATINA**

**A NOVA DIREITA BRASILEIRA E SUA ATUAÇÃO NOS MEIOS DE  
COMUNICAÇÃO E NA WEB**

**ANA CAROLINA SANTIAGO GONÇALVES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência Política e Sociologia – Sociedade Estado e Política da América Latina.

Orientador: Prof. Doutor Flavio Alfredo Gaitán

Foz do Iguaçu  
2017

ANA CAROLINA SANTIAGO GONÇALVES

**A NOVA DIREITA BRASILEIRA E SUA ATUAÇÃO NOS MEIOS DE  
COMUNICAÇÃO E NA WEB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência Política e Sociologia – Sociedade Estado e Política da América Latina.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Doutor Flavio Alfredo Gaitán  
UNILA

---

Prof. (Titulação) (Nome do Professor)  
UNILA

Foz do Iguaçu \_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

## **AGRADECIMENTOS**

À UNILA e aos professores do curso de Ciência Política e Sociologia – Sociedade, Estado e Política na América Latina, e das áreas afins que fizeram parte da minha formação intelectual, e especialmente humana durante os meus anos de graduação.

Agradeço ao meu professor orientador pelo empenho, dedicação e por ter acreditado que juntos poderíamos ser capazes de elaborar, desenvolver e finalizar essa pesquisa.

A todos os queridos colegas que conheci na universidade, com os quais pude compartilhar meus dias, nesse período que passei em Foz Do Iguaçu, e que também foram peças fundamentais para o meu crescimento pessoal e cultural.

Álvaro, Emilce, Maria Fernanda, Daniela, Luiz Phelipe e Denis que foram minha família na tríplice fronteira e a toda minha família, especialmente ao meu pai Carlos, minha mãe Marta que com muito amor e compreensão, tornaram toda essa experiência possível.

SANTIAGO GONÇALVES, Ana Carolina. **A nova direita brasileira e sua atuação nos meios de comunicação e na web**. 36 páginas. Trabalho de Conclusão de curso de Graduação em Ciência Política e Sociologia – Universidade Federal da Integração Latino-americana, Foz do Iguaçu, 2017.

## RESUMO

A presente pesquisa trata-se de um estudo sobre a Nova Direita Brasileira. A pesquisa foi aplicada mediante estudo teórico e material publicado via internet. Esta pesquisa tem como objetivo geral, analisar o avanço do pensamento conservador da nova direita e a maneira como tem divulgado suas ideias. De acordo com os estudos bibliográficos desenvolvidos, foi possível mostrar os avanços e mudanças recentes na organização da direita no Brasil. Para o embasamento teórico se utilizou dos estudos realizados pelos autores Adriano Codato, Bruno Bolognesi, Karolina Mattos Roeder, André Kaysel e Sebastião Velasco e Cruz, que também investigam sobre o tema. Os métodos utilizados na pesquisa tiveram a combinação de serem bibliográficos com caráter exploratório e descritivo. Por fim a pesquisa constatou um significativo avanço das ideias conservadoras e reacionárias, divulgadas pela direita brasileira utilizando-se das mídias sociais no contexto histórico do impeachment da presidente Dilma Rousseff.

**Palavras chaves:** Direita – Comunicação – Internet – Sociedade.

SANTIAGO GONÇALVES, Ana Carolina. **The New Brazilian Right and its performance in the media and on the web.** 36 pages. Work presented as final paper of the course of Political Science and Sociology – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2017.

### **ABSTRACT**

The present research is about a study about the New Brazilian Right. The research was applied through a theoretical and material study published through the internet. This research has as general objective to analyze the advance of the conservative thinking of the new right and the way that has spread its ideas. According to the bibliographic studies developed, it was possible to show the recent advances and changes in the organization of the right in Brazil. For the theoretical basis, we used the studies carried out by the authors Adriano Codato, Bruno Bolognesi, Karolina Mattos Roeder, André Kaysel and Sebastião Velasco e Cruz, who also investigate the subject. The methods used in the research had the combination of being bibliographical with an exploratory and descriptive character. Finally, the research noted a significant advance of conservative and reactionary ideas, spread by the Brazilian right using social media in the historical context of the impeachment of President Dilma Rousseff.

**Key words:** Right - Communication - Internet - Society.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

DEM – Democratas

PAN – Partido dos Aposentados da Nação

PEN – Partido Ecológico Nacional

PGT – Partido Geral dos Trabalhadores

PHS - Partido Humanista da Solidariedade

PP – Partido Progressista

PRB – Partido Republicano Brasileiro

PRN - Partido da Reconstrução Nacional

PRONA - Partido de Reedificação da Ordem Nacional

PRP – Partido Republicano Progressista

PRTB – Partido Renovador Trabalhista Brasileiro

PSC – Partido Social Cristão

PSD – Partido Social Democrático

PSDC – Partido Social Democrata Cristão

PSN – Partido da Solidariedade Nacional

PT – Partido dos Trabalhadores

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

PTC – Partido Trabalhista Cristão

PT do B – Partido Trabalhista do Brasil

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	10
2.1. O Golpe.....	18
2.2. A reabertura política.....	20
<b>3 DIREITAS IN MÍDIA</b> .....	23
3.1. Era do Conservadorismo.....	26
3.1.1 Representação nas eleições da nova direita, um recorte.....	28
3.2. Barulho pelas redes sociais.....	29
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	33
<b>5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	35



## 1 INTRODUÇÃO

Com as manifestações em prol ao afastamento da presidente Dilma Rousseff em 2016, todo um aparato ideológico se formou em diversas mídias e canais de comunicação, com maior ênfase na mídia digital, em que a Direita ressurgiu e teve como objetivo militante, conter os avanços da Esquerda e retomar o poder.

Paralelamente a isso, consolidava a derrocada política que marcou a história recente do País, permeada por escândalos, reações conservadoras e movimentos reacionários contra o governo, que foi destituído, por um processo de *Impeachment*.

As redes sociais passaram ser movimentadas com postagens, de novos personagens e ideologicamente de direita, que viram neste momento a oportunidade de expor suas ideias e de realizar plataformas.

Com este trabalho de pesquisa temos como objetivo, apresentar essa movimentação da Nova Direita na mídia digital, e a maneira como tem conquistado seguidores pelas redes sociais, indiretamente agindo para o retorno do conservadorismo político na sociedade brasileira.

Existe um considerável avanço na consolidação de um espaço de Direita, em termos políticos e eleitorais, no entanto, essa mudança necessita de estudos que realizem: questionamentos, abordagens, pesquisas, sobre esses fatos e acontecimentos que articularam transformações na política do país.

As justificativas para a escolha do tema de pesquisa são duas: a maneira como a imprensa de vinculação de modo geral denominou como sendo, o grande responsável para crise, o Partido dos Trabalhadores. E na forma que caracterizou a retaliação da Direita, ao perceber a mudança da opinião dos brasileiros e aproveitando dessa oportunidade, emergiram com novos ícones ideológicos na arena política.

Para compor a estrutura dessa pesquisa, realizamos um levantamento sobre o histórico da atuação política da Direita nacional e a maneira como desenvolveu o pensamento conservador em sua atuação política e partidária.

Para a delimitação do recorte político recente, utilizamos do trabalho realizado pelos pesquisadores Adriano Codato, Bruno Bolognesi e Karolina Mattos Roeder, sobre o processo eleitoral dos últimos anos, que constatou um crescimento nas eleições de partidos de direita, cujas análises, contribuíram para o entendimento da ascensão desses ícones no momento político atual.

E também no trabalho realizado por André Kaysel “Regressando ao Regresso - elementos para uma genealogia das direitas brasileiras”, que aplicamos para abordar, o contexto histórico das mesmas, em diferentes momentos da história do país.

No segundo momento trataremos a participação dos meios de comunicação com embasamento teórico nas pesquisas pertencentes à obra: “DIREITA, VOLVER!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro”, organizado por Sebastião Velasco e Cruz, André Kaysel e Gustavo Codas, para investigar o fenômeno de surgimento da Nova Direita, sua atuação nas redes sociais e em movimentos populares. Que se tornaram o espaço ideal para propagarem o retorno do conservadorismo, conforme discutiremos nas considerações finais.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

No que se refere à utilização dos termos “direita” ou “esquerda”, é importante destacar que há uma ampla bibliografia dedicada à sua definição e que ela remonta ao contexto histórico da Revolução Francesa e aos debates realizados em torno da igualdade, liberdade e da democracia.

O italiano Norberto Bobbio, talvez tenha sido o autor que melhor definiu os conceitos. Na obra “Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política” dedica-se a analisar diversos aspectos desta dicotomia, não apenas no que diz respeito à suas diferenças mas especialmente na relação de caráter contraposto e interdependente das duas partes (p. 45). De acordo com os argumentos apresentados na obra, o que diferencia “direita” e “esquerda” de forma mais

consistente é o modo em que as duas partes entendem o conceito de igualdade/desigualdade e liberdade.

A esquerda procura promover justiça social através da igualdade, em contrapartida, para a direita o ato de plantar políticas igualitárias também representaria uma perda de liberdade individual, já que alteraria a estrutura vigente da sociedade modificando o estilo de vida de parte dela (ainda seria perda de liberdade mesmo afetando apenas a parcela mais privilegiada). Dessa forma, podemos entender o que Bobbio quer dizer quando afirma que “esquerda e direita indicam programas contrapostos com relação a contrastes não só de ideias, mas também de interesses e de valorização a respeito da direção a ser seguida pela sociedade” (p.33).

Parte desta mesma linhagem, outros conceitos bastante utilizados para a caracterização de uma posição política, como “conservador” ou “reacionário” para a direita e “progressistas” para a esquerda.

O termo “conservador” se refere aquele que se posiciona a favor da manutenção da configuração vigente da sociedade, ou seja, o conservador é aquele que acredita que a sociedade e a política em questão não requer mudanças. Partindo dessa ideia, semanticamente o termo poderia ser, de certa forma, maleável pois o destaca de uma posição ideológica específica já que o conservador seria aquele que quer a manutenção do espectro político sendo ele de direita ou esquerda. Nesse caso, um indivíduo de esquerda se tornaria um conservador após o sucesso de sua revolução. No entanto, historicamente o termo é usado para se referir a simpatizantes de ideais considerados de direita, já que o conservadorismo clássico surgiu como reação ideológica e política aos avanços da modernidade. Esses avanços eram as mudanças nas relações de produção trazidas pela Revolução Industrial e que levaria a transformações sociais, institucionais e até culturais.

O pensamento conservador surge e se desenvolve no contexto da moderna sociedade de classes, marcado por seu dinamismo, por suas múltiplas e sucessivas transições; como função dessa sociedade, não é um sistema fechado e pronto, mas sim um modo de pensar em contínuo processo de desenvolvimento [...] Estruturado como reação ao Iluminismo e às grandes transformações impostas

pela Revolução Francesa e pela Revolução Industrial, o conservadorismo valoriza formas de vida e de organização social passadas, cujas raízes se situam na Idade Média. (FERREIRA, BOTELHO, 2010, p. 11)

Nesse contexto, as instituições intermediárias como a religião e a família eram muito importantes para o pensamento conservador. As mudanças vividas pela sociedade ocidental eram encaradas por eles como um aspecto desorganização social por isso eles se mantinham contrários a elas (FERREIRA, BOTELHO, 2010, p. 13).

Já o termo “reacionário” se refere a aqueles que reagem no sentido contrário à configuração política vigente da sociedade. São aqueles que assumem uma posição “saudosista” com relação a política do passado e são muitas vezes tratados como antidemocráticos, já que querem a volta de medidas que já foram ultrapassadas. O reacionário seria o oposto do revolucionário, ambos apresentam posições consideradas “radicais”. No contexto brasileiro atual, o reacionário ou o “reaça” (forma popular como são tratados os considerados reacionários no país) seria aquele que clama pela volta da ditadura militar.

Os “progressistas” estão dentro do espectro político da esquerda, no referente a palavra são aqueles que buscam o progresso. Assim como o reacionário está para o revolucionário, o progressista está para o conservador. Ou seja, trata-se dos indivíduos que procuram progresso político e social.

Para contextualizar a nossa abordagem sobre o tema, necessita-se esclarecer que o conservadorismo possui diversas interpretações e, assim como os conceitos de direita e esquerda, teve seu surgimento em resposta à Revolução Francesa e ao debate trazido por ela. Autores clássicos como Edmund Burke em “Reflexões sobre a Revolução em França” de 1790 e Joseph de Maistre “Considerações sobre a França” de 1797 são considerados alguns dos percussores do pensamento conservador.

A evolução do pensamento político brasileiro, principalmente das direitas, é um tema que recentemente vem sendo explorado com mais força já que passamos por uma onda reacionária que tem invadido a mídia, a esfera política e o cotidiano

dos brasileiros. Esse conservadorismo se apresenta em diversas formas como nos programas e nas plataformas das correntes político-partidárias. E seus representantes assumem seu “direitismo” e reverenciam com orgulho a sua posição atual.

Neste trabalho utilizaremos os estudos do pesquisador André Kaysel como referência para delimitar o conceito de conservadorismo que abordaremos. Sobre o tema, o que podemos observar já com os clássicos é que o conservadorismo surgiu como reação a algo (neste caso os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade da Revolução Francesa), e não como uma linha de pensamento *per se*, sempre reagindo de forma negativa a galgada em direção à modernidade ou simplesmente se opondo a ela. Em ambos os casos o que se pode observar é a ausência de um argumento próprio, como podemos ver nesta passagem de Kaysel (2015)

De um lado, há uma definição do conservadorismo como um estilo de pensamento que reage negativamente à modernidade burguesa, sustentado em uma base social aristocrática (Mannheim, 1981). De outro, poder-se-ia pensar o conservadorismo como uma “ideologia posicional”, isto é, que só se define pela contraposição às investidas radicais, não tendo um conteúdo próprio (Huntington, 1957). Creio que, para o caso brasileiro, a segunda definição é mais interessante. Afinal, como destacam diferentes intérpretes do pensamento político-social brasileiro, os valores e formas da sociedade burguesa, do capitalismo e do Estado moderno foram ao longo de nossa história independente e relativamente consensuais, no seio das elites sociais, políticas e intelectuais. (MANNHEIM, 1981; HUNTINGTON, 1957 apud KAYSEL, 2015, p.52).

No Brasil o pensamento político conservador sempre se manteve presente nos principais processos históricos do país. Desde o período colonial a sociedade burguesa tem tido papel na esfera política, seja na transição de Colônia a Estado Independente até a períodos mais recentes como a consolidação do golpe militar.

As ações conjuntas da sociedade burguesa com a metrópole no período colonial anteciparam propositalmente a passagem para um Estado independente, sem a necessidade de conflitos como, por exemplo, uma guerra civil (KAYSEL, 2015). Com isso, a sociedade não apresentou rupturas drásticas em sua estrutura e se consolidou trazendo consigo marcas de uma monarquia centralizadora, que

mantinha a base escravocrata, e com classes dirigentes muito atreladas ao passado, atuando com um liberalismo conservador.

Isso aconteceu pois de acordo com Costa (1999, p. 30) os adeptos do liberalismo no Brasil eram homens donos de terras que estavam interessados na economia de exportação e pretendiam se libertar de Portugal para ganhar espaço e manter as estruturas tradicionais de produção, ou seja, defendiam apenas reformas que atendiam a seus próprios interesses comerciais e de manutenção do *status quo*.

Essas classes dirigentes apoiadas em pensamentos de autores liberais franceses (KAYSEL, 2015) denominados de “saquaremas” eram integrantes do partido conservador, que atuaram na manutenção da unidade territorial, combatiam a desordem e preparavam a modernidade burguesa, em um modelo ambíguo, que possuía em sua base a manutenção da escravidão.

Com o final do século XIX os acontecimentos resultantes da Abolição da Escravatura e Proclamação da República<sup>1</sup>, dividiram essas classes em duas correntes do pensamento Republicano: positivistas e federalistas, como caracterizado por Kaysel (2015, p. 55).

No primeiro grupo o dos positivistas que tinham como projeto, a modernização industrial e o autoritarismo como mecanismo de controle e intervenção nas questões sociais. Do outro lado o grupo representado pelos federalistas formados pela elite cafeicultora, que defendiam a descentralização política e o liberalismo econômico.

Era o liberalismo econômico que daria o suporte necessário para o pacto entre as elites locais que governassem com a “política dos governadores”. Essa política se tratava de um acordo não formal entre o presidente da república e os governadores dos estados no qual em troca de apoio político era dado aos governos estaduais mais autonomia na gestão. E também traria a estabilidade e o progresso ao país, segundo os projetos políticos dessa oligarquia que na busca para alcançar

---

<sup>1</sup> No dia 15 de março de 1889 o então chefe do exército Marechal Deodoro da Fonseca com o apoio dos republicanos e dos militares assinou o documento que legitimaria o início da República no Brasil e o encaminhou para Corte, tornando esta data o dia da proclamação da República.

seus interesses, trouxe como resultado, a distorção da participação popular e a corrupção que eles promoveram, conforme demonstra Kaysel (2015, p.55).

Na Primeira República de domínio liberal e econômico a crise acontece com o surgimento de correntes antiliberais na década de 1920, rotuladas de autoritárias que rejeitavam a atuação do liberalismo centralizador e corporativista e sua função coercitiva na sociedade.

Contudo, essa identificação genérica acaba ocultando a grande diversidade de propostas de reorganização da República que foram formuladas no campo conservador de então, que se exprimiam em diferentes modalidades de corporativismo, bem representadas por autores como Alberto Torres e Francisco José de Oliveira Vianna. Apoiado no diagnóstico segundo o qual a sociedade brasileira seria caracterizada pelo “insolidarismo”, Vianna (1986) afirmava que a adoção de instituições liberais, como aquelas previstas na Carta de 1891, só reforçaria a força centrípeta e arbitrária dos potentados locais. (VIANA, 1986 apud KAYSEL, 2015, p. 55).

O emergir dos locais e de novas forças ocorreram simultaneamente à crise da Primeira República. No campo político partidário as correntes Anarquistas e Socialistas ganharam espaço principalmente com a fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB) em 1922, e essas forças atuantes desde o final do século XIX, que ganharam expressão Nacional a partir deste momento, de acordo com Kaysel (2015, p. 56). Movimentos de contestação à ordem oligárquica organizaram-se e com o Movimento dos Tenentes <sup>2</sup>entra em vigor uma nova forma de conter o avanço dessas ideias de oposição pelas direitas, um anticomunismo militante passa a atuar nas próximas décadas do século XX.

Com o final da primeira República surgiram outras crises que atingiram o regime oligárquico, e desembocou em acontecimentos que configuraram na Revolução de 1930. E também na organização de novos perfis ideológicos partidários em contornos mais nítidos.

---

<sup>2</sup>Movimento de caráter político-militar que ocorreu no Brasil nas décadas de 1920 e 1930 do qual participaram tenentes do exército em busca de reformas políticas e sociais em prol da moralidade.

Uma polarização irá dar novos contornos ao cenário político com o nascimento de movimentos de oposição, entre esquerda e direita. O primeiro desses movimentos de inspiração fascista, a Aliança Integralista Brasileira, conta com o apoio das classes médias urbanas e da igreja católica, seguindo um modelo de direita importado e com a mesma natureza europeia, que lançava mão da mobilização de massa e utilizava de técnicas modernas de agitação e propaganda, para estabelecer o controle. (KAYSEL, 2015). O integralismo foi o principal movimento de extrema-direita no Brasil, o primeiro que teve muitos adeptos e deixou um grande número de material produzidos por seus líderes, sendo o principal nome expoente dele o fundador e principal líder do partido, Plínio Salgado. Apesar de ser, na maior parte dos casos, considerada de inspiração fascista, a ideologia integralista possui características que podem ser consideradas “originais”.

Ainda que uma das fontes de inspiração explícita dos seguidores de Plínio Salgado fosse o fascismo italiano, em particular, e os movimentos de extrema-direita europeia, em geral, então no auge, é importante frisar que a caracterização ideológica do integralismo se presta a alguma polêmica, em parte devido às afirmações do próprio Salgado de que o integralismo seria uma ideologia originalmente brasileira. Além disso, de fato, o movimento possuía algumas singularidades que o distinguiam do figurino nazifascista europeu, como o peso da espiritualidade católica em seu ideário, ou mesmo a admissão de militantes negros em suas fileiras. Entre os estudiosos pioneiros do integralismo na década de 1970, há tanto pesquisadores que defendem o caráter fascista do integralismo ainda que reconhecendo uma maior ou menor originalidade como aqueles que negam essa caracterização. (KAYSEL, 2015, p.57).

A suposta “originalidade” do integralismo pode ser atribuída ao fato da população brasileira, ao contrário de países como a Alemanha e a Itália, ter uma formação étnica mista. Sendo assim, um movimento que se baseasse em questões raciais não seria capaz de cooptar massas e ganhar força como o integralismo ganhou. Podemos dizer então que o integralismo foi adaptado à realidade brasileira ao incluir o caráter “mestiço” da população em seu seio. Ainda assim, como afirmou Kaysel, o caráter fascista do movimento brasileiro não é um consenso entre pesquisadores.

Mesmo com toda a centralização da década de 1930, o Integralismo e a representação católica, não eram os únicos agentes da defesa para as manifestações políticas de direita. Havia resquícios da oligarquia liberal da Primeira



República, apesar de os ataques sofridos, conforme (KAYSEL, 2015), essa oligarquia, ainda podia ser identificada atuando principalmente na insurreição Paulista<sup>3</sup> de 1932.

Contudo o grupo que garantiu sua sobrevivência no cenário político de 1930-45 aliou seus interesses em torno de Getúlio e acompanhou a formação do Estado Novo, período de 1937 a 1945 foi de regime semi autoritário e instituído por Vargas com o argumento de evitar que o país fosse tomado por forças comunistas. Esse grupo sendo composto por facções de militares conservadores, políticos oligárquicos, intelectuais autoritários e setores das classes médias urbanas, envolvidos na burocracia civil e militar constituiu-se como o núcleo dirigente que reorganizaria o aparato estatal. (KAYSEL, 2015).

A transição democrática culminaria com uma combinação de fatores ocorridos em 1945, no âmbito internacional o avanço dos Aliados na Segunda Guerra mundial e com o ingresso do Brasil na guerra (1943-1944), a legalização dos partidos políticos e a convocação para as eleições presidenciais.

Os novos partidos que se organizam neste momento, não defendiam como temas centrais aspectos de direita e esquerda partidária, segundo Maria do Carmo Campelo de Souza, em estudo sobre o sistema partidário do período 1945-1964, “a polarização entre Varguismo e Antivarguismo forneceria a principal clivagem política que iria dividir os partidos”. (SOUZA, 1976 apud KAYSEL, 2015, p. 60).

No Estado Novo o projeto político passaria por uma divisão existente entre aqueles que reconheciam e os que rejeitavam o projeto Varguista. Com a industrialização as oligarquias e o empresariado organizaram-se junto à burocracia Estatal que ansiavam em subordinar os trabalhadores em sindicatos corporativos.

---

<sup>3</sup> Conhecida como Revolução Constitucionalista de 1932 foi um movimento ocorrido no estado de São Paulo em decorrência de sua insatisfação com o governo provisório de Vargas. As elites paulistas que perderam forças durante esse período de governo pediam a convocação de eleições presidenciais e a elaboração de uma nova constituição.

Dessa maneira, podemos dizer que haveria no Brasil de então duas “direitas” distintas: uma ligada ao programa varguista, respondendo por sua dimensão conservadora, bem representada pelo PSD, e outra, que lhe era oposta, encarnada sobre tudo na UDN. Cabe destacar que os dois partidos, pela centralidade de suas bases rurais, eram partidos em grande medida complementares. Além disso, ambos possuíam um perfil conservador e oligárquico. (KAYSEL, 2015, p.63).

Nos anos seguintes, no contexto que envolve os fatos mundiais pertencentes à Guerra Fria, uma crise pelo poder ocorre junto a renúncia de Jânio Quadros. As reformas de base em especial, na reforma agrária, constam a participação de movimentos sociais atuantes e de acordo com Kaysel (2015), seriam eles representantes dos camponeses, trabalhadores rurais, que impuseram pressão sobre as classes sociais dominantes e sua política conservadora.

## 2.1. O GOLPE

Tal cenário também propiciou a retaliação por parte de organizações da sociedade civil, que se mantiveram voltadas para elaboração de uma plataforma política e econômica, que conspirava para a queda do governo, sendo eles representantes das classes superiores e das forças políticas conservadoras.

Segundo o cientista político Alfred Stepan (1975), os militares brasileiros teriam tido, ao longo da história republicana, o que ele denominou como “papel moderador”, sendo convocados por distintas forças civis para servir de árbitros das disputas políticas. Porém, o ambiente de radicalização de inícios dos anos 1960 levou a um desgaste desse padrão, na medida em que os oficiais passaram a temer pela integridade das forças armadas e a pôr em questão a capacidade dos civis de comandar a política do país. (STEPAN, 1975 apud, KAYSEL, 2015, p.64).

A política comandada pelos civis, também recebiam fortes críticas organizadas pelos jornais, televisão, rádio e os meios de comunicação de massa que serviam como uma grande caixa de ressonância para a difusão dos discursos anticomunistas das forças conservadoras.

A igreja Católica surge como terceiro poder e apoia as alianças das direitas, mesmo estando passando pelo impulso renovador do Concílio Vaticano II, como demonstra Kaysel (2015, p. 64).

No momento formava uma importante ala de esquerda católica, mas o conservadorismo da Sé resistia em controlar essa corrente esquerdista, que atuava na organização eclesiástica, e participava em movimentos, como na “Marchas Com Deus, Pela Família e a Liberdade”.

No contexto do período havia uma corrente ideológica, centrada nas ideias liberais e conservadoras associando, democracia, liberdade e imprensa livre, como forma de oposição às ideias de comunismo, totalitarismo e estatismo. Em meio a um violento processo de modernização do país, mascarado pelo receio em distribuir riqueza e poder, como demonstra kaysel (2015, p. 67).

No desfecho desta tensão de forças, concretiza o golpe de 64, e sua cadeia de eventos espalham por toda América Latina e os temores da burguesia local brasileira e nacionalista aliada à geopolítica intervencionista dos EUA e as discussões, sobres às relações de propriedade, corresponderam na concretização com o evento.

Após o golpe aconteceu uma expansão sem precedentes do setor estatal na economia brasileira e a estrutura sindical corporativista, antes tão criticada, não só foi eliminada, como foi ainda forçada como mecanismo para controle dos trabalhadores, sobretudo, de suas demandas salariais e trabalhistas.

Retornando ao plano político-partidário, o novo regime liquidou com o Ato Institucional n.2 de 1965, o sistema de partidos anteriormente existente, substituindo-os por um bipartidarismo artificial. A maioria dos membros da antiga UDN e grande parte dos do PSD ingressaram na agremiação oficialista: a Ação Renovadora Nacional (Arena), a qual passou a aglutinar a direita política no país. Por meio da Arena, os vínculos clientelistas tradicionais entre o poder central e os poderes locais foram reorganizados e reforçados, conferindo capilaridade nacional ao partido oficialista. (KAYSEL, 2015, p.67).

Na década seguinte em meio aos anos 1970, o processo de reabertura ocasiona importantes mudanças que ocorrem no campo oficialista. Os empresários

criticam a condução da economia e se mobilizam em “Campanha Contra a Estatização”, e demandam autonomia frente ao Estado.

Mesmo com ideias opostas a dos operários e das classes populares, esses setores do empresariado convergiram para uma ampla frente pela redemocratização (KAYSEL, 2015).

O retorno do pluripartidarismo ocasionou o surgimento de novos partidos e a direita se partiu. Remanescente da Arena, o PDS (Partido Democrático Social) se divide e nessa nova composição surge o PFL (Partido da Frente Liberal) que se alia ao PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), para as eleições presidenciais de Tancredo Neves em 1984.

Há quem veja esse fenômeno, com a saída do armário dos direitistas, uma espécie de fim do período militar (1964-1985), ou como a falência do consenso, que se perpetuou até a elaboração da Constituição em 1988, baseada na social democracia e no Estado de direitos do centro partidário político brasileiro.

## 2.2. A REABERTURA POLÍTICA

Com a redemocratização abrindo os anos de 1980 os representantes da direita, que antes apoiavam abertamente as ideias do governo militar e a ditadura, mudam o discurso para conquistar espaço, já que o período encerrado ganhava cada vez mais uma conotação negativa.

O momento da redemocratização do país, conta também com um intenso processo de movimentação popular exercido pelo Partido dos Trabalhadores e a Central Única dos Trabalhadores, de acordo com os autores Chaloub e Perlatto, (2015, p.3).

Uma notável ofensiva da esquerda se organizara e a direita se reorganizava para conter esse avanço, ainda tendo como pano de fundo, uma intensa crise econômica e social, resultante do regime anterior no ambiente da transição democrática.

Às direitas se mobilizaram por meio da atuação de um grupo de políticos que buscaram barrar as propostas sociais vindas da manifestação da esquerda.

E o auge dessa polarização ocorre com as eleições em que tiveram a frente os protagonistas Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Fernando Collor de Mello (PRN) segundo afirmam os autores Chaloub e Perlatto ( 2015, p.6).

Com projetos antagônicos, a vitória de Collor abre o início das reformas neoliberais no país, mas sem apoio político suficiente, para se sustentar no poder, e envolvido no caso PC Farias, e no escândalo *Collorgate*, acaba sendo afastado pelo projeto de Impeachment em 1992.

A consolidação efetiva acontece com as tendências de inspiração neoliberal, do consenso de Washington, somente ocorreriam de fato em 1994, com a eleição de Fernando Henrique Cardoso da coligação PSDB-PFL.

Assim a guinada para a centro-direita é dada em 1994, segundo os autores Chaloub e Perlatto ( 2015, p.6), com a aliança feita para o governo entre o PFL e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), fundado em 1988, por uma dissidência de parlamentares peemedebistas e com uma plataforma de centro-esquerda.

O PMDB permanece na presidência até o ano de 2002, quando Luis Inácio Lula da Silva e o PT chegam ao poder vindo de um partido de base trabalhista. Em contrapartida, como reação a eleição da agenda social ocorre a ascensão de um tipo de ideário claramente de direita. Os intelectuais desse ideário exerceram uma forte presença na imprensa, no mercado editorial e nas mídias sociais, com argumentações que ganharam espaço na esfera pública nos últimos anos e foram impulsionados, projetados e compartilhados pela Web. Especialmente após o debate público em torno das cotas raciais nas universidades, da criação do Programa Bolsa-Família e, sobretudo, com as denúncias em torno do chamado escândalo do “Mensalão”, quando a presença dos mesmos na esfera pública, receberam maior destaque, e permeavam duras críticas, ao governo federal e o Partido dos Trabalhadores (CHALOUB; PERLATTO, 2015, p.6).

Contrariamente aos esforços generalizados da grande mídia privada e membros da classe média e de setores do capital financeiro internacional a Presidente Dilma Vana Rousseff, economista e política brasileira filiada ao Partido dos Trabalhadores ganha as eleições em 2014 adquirindo seu segundo mandato, e o mantém em exercício de 2015 até o seu afastamento por um processo de *impeachment* em 2016.

A vitória acentuada por uma pequena diferença demonstrou o poder de novos mecanismos no cenário político ou “presidencialismo de coalizão”, foi fortemente atacada com um novo jogo de regras, como a distribuições de cargos e ementas, em que o congresso e o senado saíram vencedores. Unindo coalizões para impedir a governabilidade, dois agentes políticos tomaram a liderança: Eduardo Cunha e o neoliberalista do PSDB, Aécio Neves.

Além da pequena diferença na vitória da eleição, outro fator fundamental para o golpe contra a presidente foram as medidas desenvolvimentistas tomadas por ela com a intenção de acelerar o passo do lulismo. De acordo com André Singer no ensaio “Cutucando onças com varas curtas” o “ativismo estatal da presidente teria alienado camadas de empresários por razões estruturais e conjunturais, resultando na unidade abrangente anti-desenvolvimentista” (p.69). Desse modo ela foi gradativamente ganhando inimigos poderosos e perdendo força política. Singer ainda diz que Dilma até conseguiu avançar em seu projeto desenvolvimentista nos primeiros anos do mandato, no entanto devido ao caráter ousado de suas intervenções a classe empresarial foi reagindo cada vez com mais força.

Enquanto, pelo alto, Dilma e Mantega realizavam ousado programa de redução de juros, desvalorização da moeda, controle do fluxo de capitais, subsídios ao investimento produtivo e reordenação favorável ao interesse público de concessões à iniciativa privada, no chão social e político o vínculo entre industriais e trabalhadores se dissolvia, e os empresários se unificavam “contra o intervencionismo”. Quando se viu isolada da burguesia, Dilma cedeu de imediato no essencial — a elevação da taxa de juros — e depois no corte de gasto público. A partir daí foi obrigada a recuar passo a passo até chegar a quem do ponto de partida. (SINGER, 2015, p69)

Enquanto isso, articulando ondas sucessórias de reacionarismo, o elitismo patronal impedia projetos em diversos campos de atuação, como na reforma

política, direitos civis, direitos sociais e trabalhistas dentre outros, de acordo com os autores Chaloub e Perlatto (2015) que citam ainda que, uma crise de alianças entre classes, configura na tentativa de impedir a distribuição de renda e um patronato organizado, mobilizam para diminuir os direitos dos trabalhadores, e abastecer com conservadorismo a esfera econômica, esses fatos desembocam na arena partidária e chegam até unir forças com a bancada evangélica.

A crise de alianças também reflete no serviço da grande mídia, inúmeros analistas e comentaristas defendem como único sentido para a crise o PT. E essa ideia acentua no sistema político, embora na realidade esteja na economia, na disputa pelo orçamento, em políticas públicas, e nos financiamentos dentre outros.

Nesse sentido quaisquer reformas “radicais”, encabeçadas pelo governo, tais como taxaço das grandes fortunas, reforma tributária progressiva, ampla reforma agrária, diminuição dos juros da dívida interna, ampliação dos gastos sociais, reforma da mídia, diminuição orçamentária do agronegócio em prol da agricultura familiar entre inúmeras outras proposições, foram vetadas por esses partidos, de acordo com os autores (CHALOUB; PERLATTO, 2015).

A mobilização das elites na “opinião pública”, que na verdade representa a opinião dos grupos dominantes, caracterizou em um conjunto de arbitrariedades alarmantes e elementos importantes no tabuleiro de poder, que aliado ao início da Operação Lava Jato, geraram a perda de popularidade do Governo Dilma.

### **3 DIREITAS IN MÍDIA**

Pode-se dizer que mais um novo movimento político tem sido organizado, para golpear o progressismo de “esquerda” e criar uma nova “direita”, que se articula em meio da divisão do pensamento entre: liberal e conservador. Tendo como frente, novos e jovens líderes que estão arrebatando multidões de seguidores, ao divulgar suas ideias e materiais pela internet (CHALOUB; PERLATTO, 2015).

Com as ondas sucessivas de protestos desde 2013 articulados e organizados por movimentos sociais, que surpreenderam os agentes de governo, com ideias antissistema e por meio de movimentos organizados pela internet, que muitas vezes foram considerados, como manifestações de protestos contra esquerda, pela divulgação da mídia.

O conservadorismo brasileiro que mantinha guardado e delegado seus interesses e valores a alguns de seus partidos, também se deparou com o fato das pessoas indignadas, com uma série de acontecimentos, irem às ruas protestar principalmente contra a corrupção.

O barulho que ela faz é característico. O soar das panelas nas varandas gourmet; os slogans entoados em coro; os insultos dirigidos contra personalidades famosas em lugares públicos, e lançados a esmo contra cidadãos anônimos pela simples ousadia de demonstrar a sua discordância com o espetáculo encenado. Alguns – felizmente poucos, por ora – vão além, e passam das palavras aos atos. Nem todos, porém, são igualmente barulhentos. Muitos dos que simpatizam com estes expressam seu descontentamento a meia voz, em desfile pacato nas avenidas, vestidos com as cores da bandeira e acompanhados, muitas vezes, de filhos ou netos (CRUZ, 2015, p.13)

Pessoas que foram influenciadas por ideias e pensamentos de conservadorismo, e com uma compreensão de fragmentada realidade, e conhecimento pouco organizado (CRUZ, 2015), apenas obtido pela mídia televisiva, buscavam compreender o momento político que estavam atravessando e demonstrar sua indignação.

A imprensa de vinculação de modo geral, caracterizou o governo, como sendo o responsável pela crise, com foco de atingir a estas pessoas desvinculadas do pensamento tanto de direita quanto de esquerda, o que possibilitou o imergir de novos ícones para a cena e abriu caminho para os representantes da ideologia da “nova direita” saíssem no *youtube* e dessem rostos para as postagens (CRUZ, 2015).

Entre as várias faixas empunhadas pelos milhares de manifestantes que saíram às ruas contra o Governo Dilma Rousseff nas grandes manifestações de 2015, uma em particular scandalizou a intelectualidade brasileira.



“Chega de doutrinação marxista. Basta de Paulo Freire”. Enquanto enchiam as redes sociais de textos em defesa do patrono da educação brasileira, que tornou-se referência mundial, professores universitários se questionavam de onde poderia ter saído uma crítica como essa. Se tivessem folheado um dos livros mais vendidos dos últimos tempos no Brasil, topariam com o seguinte questionamento: “Vocês conhecem alguém que tenha sido alfabetizado pelo método Paulo Freire? Algumas dessas raras criaturas, se é que existem, chegaram a demonstrar competência em qualquer área de atividade técnica, científica, artística ou humanística? Nem precisa responder. Todo mundo já sabe que, pelo critério e ‘pelos frutos o conheceréis’, o célebre Paulo Freire é um ilustre desconhecido”.<sup>4</sup>

Para o debate público atual os discursos e pensamentos desta ordem demonstram a construção de um ideário que se orgulha de um sentimento de pertencimento à direita, que te coloca entre muros e sugere a divisão da sociedade entre esquerda e direita qualificando as mazelas como pertencentes à esquerda.

Como figuras carimbadas em veículos de mídia (CRUZ, 2015), cada vez mais visíveis e se fazendo presente em pequenas legendas dos partidos, eles defendem a intervenção limitada do Estado na economia, valores cristãos (direita religiosa), a família tradicional e programas sociais ligados a uma igualdade de oportunidades que conciliem o liberalismo econômico ao conservadorismo.

No discurso apresentado pelos diferentes canais de comunicação, ambos mostraram como o movimento para formar uma identidade, do ponto de vista de Cruz (2015), se insere dentro de um discurso emergente e na elaboração de plataformas de governo, com um trabalho de convencimento, que garanta confiabilidade e credibilidade com o eleitorado, embora esta estratégia não demonstre agradar ultimamente os eleitores.

Nesse cenário o surgimento de lideranças apolíticas, pode ser um grande perigo, ao mesmo tempo, que as coisas mudam rápido, e não é possível fazer

---

<sup>4</sup>Jornal El País, agosto de 2015 em reportagem sobre Olavo de Carvalho e seu livro: O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota e as citações de sua obra pelos manifestantes.

muitas previsões com segurança, como observa Rodrigo Estramano de Almeida, professor da FESPSP (Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo).<sup>5</sup>

Porém a questão é saber até onde esse segmento pode atingir: “Vivemos um cenário de cultura política rarefeita, uma polarização muito forte e ao mesmo tempo vazia e isso possibilita a eleição de líderes tecnocráticos num ambiente de democracia fraca”. (CODATO, 2017).

Em um dos seus trabalhos em parte integrante do livro: *Direita Volver!* Os pesquisadores, Adriano Codato, Bruno Bolognesi e Karolina Mattos Roeder (2015), ao fazerem um levantamento sobre o processo eleitoral dos últimos anos, contribuíram com dados sobre o avanço de candidaturas que representam as mudanças do cenário político atual.

Em 2014, a direita brasileira voltou a crescer no Parlamento, revertendo o movimento de queda constante do número de representantes na Câmara dos Deputados que se observava desde 1998. Em 2010 os partidos conservadores ganharam 36,3% das cadeiras; em 2014, 43,5%. (CODATO; BOLOGNESI & ROEDER, 2015, p.115).

Segundo os autores o conservadorismo da nova direita, aprendeu a trabalhar orientada para coalizões de apoio em programas sociais de governos de esquerda, entretanto, a hipótese de uma nova direita partidária é algo ainda a ser comprovada.

Mas os dados de sua pesquisa caracterizam por um crescente número de cadeiras parlamentares, de bases políticas com força eleitoral e que se organizaram em pequenos partidos, para atingir a sua força eleitoral.

### 3.1. A ERA DO CONSERVADORISMO

A direita política que teve ao fim dos anos de 1970 e na década de 1980 o seu ponto mais alto com os governos Margaret Thatcher (1979-1990) no Reino Unido,

---

<sup>5</sup>Entrevista disponível em [www.pragmatismopolitico.com.br/2017/05/futuro-nova-direita-brasileira.html](http://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/05/futuro-nova-direita-brasileira.html)

e Ronald Reagan (1981-1989) nos Estados Unidos, foi a “era do conservadorismo” segundo os autores, Codato, Bolognesi e Roeder (2015).

Marcada com a desregulamentação de mercados e associando os princípios liberais em uma democracia representativa, sempre vinculada à participação dos cidadãos limitada aos períodos eleitorais e tradicionalmente associada com as ideias da direita liberal na Europa e nos Estados Unidos.

Na América Latina o comportamento da direita neoliberal assumiu um viés moralizante e autoritário, principalmente em reação aos movimentos populares reformistas com o fim da década de 1960, como descrito por Codato, Bolognesi e Roeder (2015).

Abrindo caminho nas décadas posteriores para o movimento denominado por alguns especialistas de “onda rosada” dando a guinada dos governos de esquerda, que mesmo possuindo diferenças entre os governos progressistas e suas bases partidárias (CODATO; BOLOGNESI; ROEDER, 2015).

Eles conquistaram o poder através da democracia popular, depois de um longo predomínio neoliberal, com políticas voltadas para diminuir as desigualdades na América Latina.

Na década seguinte houve uma virada ideológica na política latino-americana com a ascensão de governos progressistas ao poder no início dos anos 2000. As vitórias de Lula da Silva (2002; 2006) e Dilma Rousseff no Brasil (2010; 2014), de Michelle Bachelet no Chile (2006; 2014), Néstor (2003) e Cristina Kirchner (2007; 2011) na Argentina, José Mujica no Uruguai (2010), Evo Morales na Bolívia (2006), Hugo Chávez (1999; 2001; e 2007) e Nicolás Maduro (2012) na Venezuela e Rafael Correa no Equador (2007). (CODATO; BOLOGNESI & ROEDER, 2015, p.118).

Os partidos conservadores, que antes serviram de suporte para as ditaduras militares, redefinem politicamente seus objetivos e vão se adaptando a nova realidade, como as mudanças no cenário eleitoral, mas ainda mantendo elementos da velha direita que favorecem os mais ricos e mantêm os seus privilégios.

A direita ideologicamente renovada (CODATO; BOLOGNESI; ROEDER, 2015), reconhece as vantagens de políticas sociais para os socialmente excluídos,

como plataforma eleitoral, mas não buscam melhores condições materiais aos excluídos e sim procuram estabelecer um pacto de igualdade de oportunidades.

Assim, para compreender a nova direita não é possível olhar apenas os partidos que surgiram na década de 2010 (ainda que também), mas é preciso estabelecer a diferença entre estes últimos e, por exemplo, os partidos que serviram de suporte político para as ditaduras militares (PFL/DEM e PP no Brasil, e UDI e RN no Chile). Os partidos dessa nova direita incorporaram algumas das agendas da esquerda ou do centro, porém mantendo pontos programáticos fundamentais da direita tradicional. (Ibid., p.121).

Como resposta ao avanço da esquerda a reformulada direita sustenta em suas ações e ideais o liberalismo, com intervenção limitada do Estado na economia, para garantir igualdade de oportunidades em defesa da democracia, utilizada como discurso pura e simplesmente eleitoral a na defesa radical dos valores da família tradicional e conservadora (CODATO; BOLOGNESI; ROEDER, 2015).

### 3.1.1 REPRESENTAÇÕES NAS ELEIÇÕES DA NOVA DIREITA: UM RECORTE

Na velha direita como mostram os autores Codato, Bolognesi e Roeder (2015), ficaram os partidos que se originaram de regimes ditatoriais como o PSD (1987-2003), PP, DEM ou PTB bem como os partidos satélites desses que orbitaram suas coligações eleitorais ou foram incorporados pelos primeiros como PRONA, PRP, PRTB, PSN, PHS, PAN, PSC, PGT e PRN, e citam ainda que há os micropartidos que orbitaram as candidaturas tradicionais da direita na abertura democrática: PST, PT do B, PSL, PTC e PTN. Por fim, ainda na nova direita, os partidos de base cristã, como o PSDC, PEN e PRB.

O trabalho de pesquisa realizado pelos autores citados investigou um detalhado banco de dados com os resultados eleitorais e sobre como se comportaram os partidos políticos nas eleições de 2002 em diante.

Em seus apontamentos e considerações de pesquisa apontaram para que o crescimento da nova direita se apresenta em maior volume na região sudeste do

país, “se olharmos a série desde 2006, há um movimento de penetração dos partidos da nova direita no mercado político de SP, RJ e MG, que concentra 43,44% dos eleitores do Brasil” (CODATO; BOLOGNESI; ROEDER, 2015).

O silêncio proporcionado pelos veículos de comunicação de massas, sobre as mudanças e características do momento político atual, passa ser surpreendido pela força das redes digitais, “O meio virtual tomou conta do espaço real e proporcionou um ambiente de liberdade para exposição de ideias na denominada democracia digital”, como nos aponta também Silveira (2015).

### 3.2 BARULHO PELAS REDES SOCIAIS

Com a internet a transparência que deveria ser apresentada pelos governos aos cidadãos, transformou-se também, em um canal para manifestar suas opiniões e para termos acesso aos parlamentares, que elegemos para atuar na esfera política, em efeito de existir uma maior conectividade, proporcionada pelo meio virtual.

Entretanto além dos importantes avanços tecnológicos e da vasta gama de informações proporcionadas pela internet, às redes passaram gradativamente a serem ocupadas por grupos políticos, culturais, religiosos e de várias correntes, inclusive as que atuariam contra a democracia e a liberdade, segundo aponta Silveira (2015, p. 214).

Em março de 2013, uma campanha obteve mais de 450 mil assinaturas pedindo a saída do deputado Marco Feliciano (PSC-SP) da presidência da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara. O parlamentar escreveu em seu perfil no *Twitter*, no dia 31 de março de 2011, “africanos descendem de ancestral amaldiçoado por Noé. Isso é fato”. Também é autor de dezenas de posts extremamente agressivos, entre eles: “A podridão dos sentimentos dos homoafetivos leva ao ódio, ao crime, à rejeição”. Sua candidatura à presidência da Comissão de Direitos Humanos parecia uma afronta à própria existência da comissão. (SILVEIRA, 2015, p.217).

Também tornou expressivo o embate pelas redes de opinião que se deu em torno do Marco Civil na internet<sup>6</sup>. Projeto apoiado pelo governo para sua regulamentação e criticado pelos opositores do governo Dilma que em suas alegações, formulavam um discurso de controle da liberdade da mídia pelo Estado.

Nas redes a aprovação do Marco Civil tornou-se um grande tema, no período de junho de 2013 a abril de 2014 quando se deu sua aprovação e sanção pela Presidência da República.

A ideia de que a internet incentiva a participação, e que a participação é em si avançada e favorável às causas da justiça, liberdade e igualdade não se sustenta empiricamente. O que se observa nas redes é a prevalência do senso comum que muitas vezes carrega a força das ideias capitalistas e a doutrina da mercantilização extrema. O mais importante não é essa constatação. O mais relevante é verificar que a rede também abriu espaço para diversas subculturas, inclusive para a dos hackers. O hackerismo é uma expressão da contracultura. Com destreza técnica, hackers ajudaram a moldar a rede distribuída, sem um controle centralizado, com grandes possibilidades para a navegação anônima, visando minimizar a vigilância do Estado e das corporações. (SILVEIRA, 2015, p.219).

Com a possibilidade de emitir opiniões que possam atingir milhares de pessoas e articular organizar redes, evidencia um dos maiores poderes da atualidade, segundo Silveira (2015) em seu trabalho de pesquisa, esse poder não está com as forças de esquerda, cujas redes, ainda padecem da dificuldade de lidar com processos interativos e horizontalizados.

Exemplo disso às jornadas que ocorridas em 2013, que representavam questões sociais e sobre mobilidade urbana, nas grandes cidades, e repercutiram com destaque, na organização das manifestações de rua, em um movimento combinado via redes sociais pelo *Facebook* (SILVEIRA, 2015).

Os confrontos ocorridos com a polícia e que foram documentados em seus celulares e postados no *Youtube* fez do Movimento Passe Livre tomar repercussão

---

<sup>6</sup> Foi uma lei sancionada pela presidente Dilma Rousseff em 24 de março de 2014 que visa regulamentar a utilização da internet por usuários e provedores, delimitando os direitos e deveres de cada um. É uma espécie de “constituição da internet” e tem como suas principais características a “garantia de privacidade” dos usuários e a “neutralidade da rede” que democratiza a navegação ao proibir que os provedores cobrem diferentes preços de acordo com o conteúdo usado.

nacional, o movimento organizado com técnicas típicas de esquerda autonomista recebeu ataques da mídia em grandes jornais e pela emissora, Globo de televisão.

Em resposta conforme aponta Silveira (2015) os manifestantes relataram outra versão para os acontecimentos e as cenas de repressão realizadas pela polícia, ao serem divulgadas pelos meios sociais, resultavam na formação de uma massa cada vez maior de manifestantes.

E cita também que, o evento do dia 17 de junho no Largo do Batata, em São Paulo, efetiva a maior mudança no contexto do movimento, a polícia muda a estratégia recuando e a mídia televisiva começa a elogiar os manifestantes.

A hierarquização das páginas no *Facebook* que mais tiveram compartilhamentos de seus conteúdos nas convocações dos atos de junho demonstra que grupos ligados ao pensamento da direita conservadora já estavam presentes. A primazia do Movimento do Passe Livre foi sendo minimizada durante o mês de junho. Nas movimentações de rede em torno do dia 20 de junho, as páginas mais compartilhadas no *Facebook* foram a do Anonymous Brasil, Movimento Contra Corrupção, isso é Brasil e A Verdade Nua & Crua. Todas essas páginas possuíam um discurso de defesa da justiça em geral, da melhoria da vida e do combate à corrupção. Uma análise das práticas discursivas das postagens indica sua adesão ao pensamento da direita. (SILVEIRA, 2015, p.222).

Segundo Silveira (2015) na observação da movimentação das redes sociais em 2013 permite afirmar que a internet se consolidou como espaço de disputa política e plataforma de mobilização e os partidos da direita, de centro ou de esquerda tradicionais, bem como o sindicalismo tiveram muita dificuldade de disputar suas ideias e proposições nas redes digitais.

E esse impasse abriu espaço para novas lideranças e novos articuladores políticos que a partir da adesão ocorrida pela internet segundo Silveira (2015) facilitou de certa forma o aparecimento da nova direita com destaque no meio de comunicação da Web que mobilizaram agências de propaganda para toda uma confecção de imagens e conteúdos para propagar as suas ideias como outdoors nas redes sociais.

Boa parte da disputa política nas redes sociais é realizada por *memes*. A esfera pública em que se formam as diversas opiniões

públicas não pode mais ser compreendida sem a observação da dinâmica da internet, em particular, das redes sociais online. No Brasil, em 2012, a pesquisa sobre a internet no Brasil, realizada pelo Comitê Gestor da internet, mostrava que 74% dos brasileiros conectados utilizavam redes sociais. Os dados indicam que o *Facebook* é o espaço mais envolvente entre todos aqueles em que ocorrem debates políticos. (SILVEIRA, 2015, p.225).

Neste espaço virtual tem se demonstrado a força da direita em desconstruir a imagem e o pensamento de esquerda: atrelando aos seus atos corrupção como prática de governo, a imagem que os direitos humanos são para criminosos e que o governo faz políticas públicas para privilegiar os pobres que não querem trabalhar, contaminando com traços reacionários a esfera do senso comum (SILVEIRA, 2015).

A direita aprendeu a manipular o senso comum reforçando seu discurso e arrebatando seguidores, todavia, é importante registrar que os compartilhamentos das postagens da direita superavam quase sempre os da esquerda e nas eleições de 2014, esse propagar de ideias obteve o seu caráter mais predatório, conforme aponta Silveira (2015).

Além de blogueiros ligados à revista *Veja* e humoristas vinculados à direita paulista, pelo menos 42 grandes páginas no *Facebook*, participaram da operação da direita que não declaravam o apoio à candidatura do PSDB, mas atuaram na desconstrução do PT e de suas principais candidaturas. A esse esforço de guerra se somaram centenas de profissionais de comunicação contratados pelas agências de publicidade que participaram formalmente da campanha eleitoral. (SILVEIRA, 2015, p. 227).

Em 2014 temos um país repartido, uma sociedade polarizada, que se refletiu no resultado final das eleições presidenciais, que com pouca margem de diferença Dilma Rousseff ganha o poder executivo se reelege, mas perde uma quantidade representativa de participação do governo no legislativo.

A direita se movimentou com maestria aliada ao escândalo da Lava Jato, e a desastrosa política do governo pela presidência da Câmara, ressurgiu e arquitetou a derrubada do governo, por um processo de *impeachment* que ecoou por todo o país e fora divulgado inicialmente pelas redes sociais e consolidado pelos outros canais de mídia.



## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho analisamos parte da trajetória do pensamento de direita no Brasil e seus novos moldes de propagação, como a web. Uma renovada e “conectada” direita que almeja conquistar espaço na atual situação política, após outro processo de impeachment, que abalou mais uma vez as bases políticas da nação.

Essa face renovada vem atuando em uma sociedade que tem suas bases políticas corroídas pela corrupção e que enfrenta uma enorme criminalidade, a necessidade de “mão firme”, como afirma Kaysel (2015, p. 71), abriu portas para o pensamento conservador, que se mantinha na espreita, esperando pelo momento certo de retornar.

Alguns dos resultados observados por nossa pesquisa proporcionaram o conhecimento de mecanismos que articularam e manipularam a opinião pública e apropriaram do ambiente virtual, tornando o mesmo, uma ferramenta na manutenção do poder pelas elites, que não privilegiaram a transparência política e muito menos o bem-estar da nação.

Com toda uma variedade de representantes fazendo barulho pelas redes, e soando palavras de ordem aos desavisados. A onda reacionária da direita atingiu proporções que atacaram a democracia, tumultuaram a ordem na sociedade civil e como lobos em pele de cordeiro, aguardaram o momento certo de atacar.

A tecnologia que deveria estar a favor da sociedade, foi subvertida pela lógica partidária, não sendo utilizada de forma a produzir um olhar diferenciado ou acima de tudo reflexivo como apostar em mais conhecimento e menos informação.

Com a mídia televisiva e a sua caracterização do cenário pessimista e sem sinal de fim. Os holofotes foram ligados para iluminar os escândalos que atingiram o governo e criaram a oportunidade certa para que os salvadores da pátria surgissem.

Munidos de um forte apelo moral ao combate da corrupção e pela disputa política, os atores conhecidos e seus dissidentes com suporte das delações

premiadas: o prêmio aos arrependidos sob o fórum de Juízes. Persuadiram os símbolos e líderes do partido dos trabalhadores, que se tornaram *personas* públicas execradas, e tiveram suas imagens desgastadas, com o objetivo de aniquilar qualquer tentativa de retorno para o partido dos trabalhadores.

Com essas práticas, eles produziram os efeitos e calcularam o peso resultante das suas ações sobre os indivíduos da nação. Com o interesse concreto de apenas legitimar o seu conjunto de ideias e ainda melhorar a posição política dos seus agentes na disputa pelo poder.

Trabalhos de pesquisas sobre esse tema constituem nesse momento uma devida e necessária importância, principalmente por abordarem a história recente e por delatarem a movimentação das forças pertencentes a um retrógrado pensamento que se mantinha camuflado, e de sua oportunista infiltração sobre a opinião da população.

Portanto, os autores consultados nesta pesquisa nos conduzem pelos meandros das mudanças de postura ideológica, cultural, política, que os agentes de direita experimentaram ao longo de décadas no nosso passado.

Disseminando ideias conservadoras que ganharam cada vez mais força no momento em que uma nação estava repartida. Algo que constituiu um benefício e concretizou no sonho de consumo, para os que apenas almejam o poder e que não preocupavam em melhorar as condições de vida dos brasileiros que os elegeram como representantes, buscando a melhoria do país e uma sociedade mais igualitária a todos.

Em uma época em que se privilegia a imagem e somos produtores e consumidores de informação, o excesso de imagens causaram a desinformação. A pouca eficiência de “internautas” (agentes de opinião), em redes sociais por parte dos representantes da esquerda, também colaborou indiretamente para que esses novos ícones da direita, atuassem de forma representativa nas mídias sociais, por conta de um subestimado silêncio negligente, dos ícones da esquerda.

## 5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOBBIO, N. Direita e esquerda - as razões e significados de uma distinção política. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Unesp, 1995.

BOLOGNESI, B.; CODATO, A.; ROEDER, K. M. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. In: CRUZ, S. V.; KAYSEL, A.; CODAS, G. Direita, volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 115-145.

CHALOUB, J. ; PERLATTO, F. Intelectuais da “nova direita” brasileira: ideias, retórica e prática política. 39º Encontro Anual da ANPOCS, GT 19 – Intelectuais, cultura e democracia, Caxambu, 2015, 30 p.

CRUZ, S. V. et. al. Elementos de reflexão sobre o tema da direita (e esquerda) a partir do Brasil no momento atual. In: Direita, volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 13-48.

CRUZ, S. V.; KAYSEL, A.; CODAS, G. Direita, volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

KAYSEL, A. et. al. Regressando ao Regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras. In: Direita, volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. Direita nas redes sociais online. In: CRUZ, S. V.; CODAS, G; KAYSEL, A. Direita, volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 213-230.

SCHWARCZ, L.; STARLING, H. M. Brasil: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

COSTA, EMILIA VIOTTI DA. Da monarquia à república: momentos decisivos/Emília Viotti da Costa. – 6.ed. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. – (Biblioteca básica)

BURKE, EDMUND. Reflexões sobre a Revolução da França Tradução. José Miguel Nanni Soares. São Paulo: Edipro, 2014.

SINGER, André. Cutucando onças com vara curta: O ensaio desenvolvimentista no primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011-2014). Revista Novos Estudos. São Paulo: CEBRAP, n102, julho de 2015.

FERREIRA, Gabriela Nunes; BOTELHO, André. Revisão do pensamento conservador: Ideias e política no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2010.